

Sobre Histórias e Vulcões: Walter Benjamin e a coleção de narrativas

On Stories and Volcanoes: Walter Benjamin and the collection of narratives

Sobre Historias y Volcanes: Walter Benjamin y la colección de narrativas

Tallita Stumpp

tallitastumoreira@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4050-7028> 

Universidade Católica de Petrópolis, Centro de Teologia e Humanidades, Petrópolis, RJ, Brasil.

Leandro Couto Carreira Ricon

lricon@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1893-4816> 

Universidade Católica de Petrópolis, Centro de Teologia e Humanidades, Petrópolis, RJ, Brasil.

Resumo: O artigo apresenta o diálogo entre a filosofia da história, a historiografia e o colecionismo na obra de Walter Benjamin. Para isso, analisa textos do autor sobre o conceito de história e o colecionismo. A partir dessa análise, busca-se problematizar como o colecionismo fragmentário e as novas práticas historiográficas dialogam a partir da percepção de que toda produção histórica é simultaneamente ética e política. O texto conclui que o colecionismo e as novas práticas historiográficas são formas de resistência à narrativa do progresso. Nesse sentido, ao resgatar os vestígios dos vencidos, o historiador, a partir da sua coleção de fragmentos da catástrofe, manifesta a voz daqueles que foram silenciados pela história oficial.

Palavras-chave: Walter Benjamin. Historiografia. Filosofia da história. Colecionismo.

Abstract: The article presents the dialogue between the philosophy of history, historiography and collecting in the work of Walter Benjamin. For this, the article analyzes texts by the author on the concept of history and collecting. Based on this analysis, the article problematizes how fragmentary collecting and new historiographical practices dialogue from the perception that all historical production is simultaneously ethical and political. The article concludes that collecting and new historiographical practices are forms of resistance to the narrative of progress. In this sense, by rescuing the vestiges of the vanquished, the historian, from his collection of fragments of the catastrophe, manifests the voice of those who were silenced by official history.

Keywords: Walter Benjamin. Historiography. Philosophy of history. Collecting.

Resumen: El artículo presenta el diálogo entre la filosofía de la historia, la historiografía y el coleccionismo en la obra de Walter Benjamin. Para ello, el artículo analiza textos del autor sobre el concepto de historia y el coleccionismo. A partir de este análisis, el artículo problematiza cómo el coleccionismo fragmentario y las nuevas prácticas historiográficas dialogan a partir de la percepción de que toda producción histórica es simultáneamente ética y política. El artículo concluye que el coleccionismo

y las nuevas prácticas historiográficas son formas de resistencia a la narrativa del progreso. En este sentido, al rescatar los vestigios de los vencidos, el historiador, a partir de su colección de fragmentos de la catástrofe, manifiesta la voz de aquellos que fueron silenciados por la historia oficial.

Palabras clave: Walter Benjamin. Historiografía. Filosofía de la historia. Coleccionismo.

É a entrada de um mercado de pulgas. Não se paga ingresso. É grátis. Gente mal-ajambrada. Vulpinos, brincalhões. Por que entrar? O que você espera ver? Estou vendo. Estou constatando o que há no mundo. O que sobrou. O que foi descartado. O que não se quer mais. O que teve de ser sacrificado. O que alguém pensou que poderia interessar a outro alguém. Mas é lixo. Se existe algo aqui ou ali, já foi peneirado. Mas lá pode haver algo valioso. Não exatamente valioso. Mas algo que *eu* poderia querer. Querer resgatar. Algo que me fale. Que fale aos meus anseios. Que fale com alguém, fale de algo. Ah...

Susan Sontag. *O amante do vulcão*

Certamente é um dos mais recorrentes clichês iniciar um texto sobre Walter Benjamin (1892 – 1940) mostrando-o como um autor de profunda complexidade filosófica quando se pensa nos saberes acerca das humanidades. Esse clichê, entretanto, é de superação quase impossível quando se avalia os tão variados grupos que tentam se assenhorar de seu pensamento ainda no século XXI. Uma miríade que se estende dos mais dogmáticos comunistas aos mais incoerentes conservadores tentou se apropriar do pensamento e da fama de Walter Benjamin sem se aperceberem de suas complexas análises e críticas a esses modelos que, começando por falar de justiça, acabaram por organizar tiranias ao longo do século XX.

Chamado por Jürgen Habermas, em 1973, de pensador atual (1980), seria novamente acionado como necessário ao Brasil dos últimos anos (Seligmann-Silva, 2010). Além de marcarem sua atualidade, algumas leituras perceberiam Benjamin como pensador insólito (Rebuá, 2019), iluminista visionário (Matos, 1993), anjo da história (Benjamin, 2020a) - em referência a sua tão lembrada leitura da obra de Paul Klee - entre outros vários adjetivos que transformaram seu pensamento em verdadeiro terreno disputado. Enfim, Walter Benjamin permanece sendo personagem central em uma série de debates filosóficos e políticos.

O texto que segue procura contribuir para a percepção que vem se consolidando nos últimos anos sobre a atualidade do pensamento benjaminiano acerca da produção do conhecimento em história. Essa interpretação apresenta um pensador que colocou em diálogo, ainda que de forma não sistematizada, é claro, o pensamento fragmentado - bem exposto na coleção de aforismos e citações tão comum em sua obra - e a produção historiográfica para a afirmação de uma nova filosofia da história, próxima às discussões políticas de seu tempo. Nestes termos, partindo de textos de Walter Benjamin e cotejando-os com a literatura contemporânea sobre o autor procura-se demonstrar o diálogo entre a filosofia da história, a historiografia e o colecionismo propostos pelo autor.

Para atingir o objetivo e melhor organizar a leitura, este texto encontra-se dividido em três partes. Primeiramente pretende-se, partindo do texto *Sobre o conceito de História* (Benjamin, 1985b), coletânea de teses inconclusas devido à morte de Walter Benjamin ante o nazismo, apresentar a nova filosofia da história proposta pelo autor que, através da superação do positivismo, do historicismo e do marxismo ortodoxo, encaminha uma nova discussão: a presença da narrativa dos grupos subalternizados enquanto uma história aberta a outras possibilidades. Em seguida, intenciona-se apresentar a análise feita pelo autor sobre o colecionismo, bem representada no texto *Desempacotando minha biblioteca* (Benjamin, 1987) para, em seguida, evidenciar o projeto das *Passagens* (Benjamin, 2018) como uma grande coleção de fragmentos responsáveis por apresentar as histórias da formação da modernidade a partir da Paris dos séculos XIX-XX. Por último, e como síntese, pretende-se problematizar como o colecionismo fragmentário e as novas práticas historiográficas dialogam a partir da percepção de que toda produção histórica é simultaneamente ética e política.

A teoria para uma nova história em Walter Benjamin

Como a ponta seca de um compasso repousada sobre um local na folha branca, uma série de pensadores do século XIX demarcou a prática milenar de contar sobre o passado conferindo-lhe domínios científicos. Era a constituição da história enquanto ciência, que se aprofundaria durante significativa parte do século XX (Bentivoglio &

Lopes, 2013; Fontana, 2004). Pensadores europeus como Auguste Comte, Henry Thomas Buckle, Leopold von Ranke e Fustel de Coulanges, englobados em categorias genéricas e de utilidade analítica questionável para a historiografia contemporânea (como *positivistas* e *historicistas*), tiveram, cada um a sua maneira, profunda influência nesse cenário de cientificização conservadora do saber histórico (Ricon, 2020). Essa influência pode ser identificada em, dentre outros, dois ideais. Em primeiro, a constituição e afirmação dos Estados a partir da elaboração dos nacionalismos, elemento responsável por estabelecer certo sentimento de pertencimento a grupos espaciais e culturalmente delimitados, baseando-se, para isso, na criação de passados comuns (Hobsbawm, 2004; Guibernau i Bedrum, 1997). Em segundo e em harmonia com o anterior, a consolidação da burguesia industrial em crescente expansão de poder, produtora de um discurso de defesa do progresso técnico como progresso social (Dupas, 2006; Fontana, 2004). Nesta Europa que já se encaminhava ao imperialismo, Estado-nacional e ideário burguês industrial de progresso se confundiam deixando para trás uma população miserável - e com rara presença na historiografia.

A história ter se encaminhado a um discurso de saber científico, elemento tão fundamental para a intelectualidade dos séculos XIX e XX, foi, portanto, uma das formas de legitimação tanto do Estado-nacional quanto da burguesia industrial. Era, a partir dessa história-ciência, afinal de contas, que os Estados legitimavam sua existência cultural e política no tempo; bem como a burguesia sinalizava o progresso da razão técnica. Para isso, elaboraram-se teorias que levavam a crer ser a história uma prática neutra, objetiva e imparcial produzida a partir de documentos validados como verdade única e inquestionável, narrada em uma linearidade cronológica coerente e que tinha nos *grandes homens* (expressão que se consolidaria ao longo dos anos) seus únicos personagens possíveis. A partir disso, formava-se um dos mitos da modernidade: o da história enquanto ciência pura que conduziria as sociedades ao progresso. Esta historiografia, enquanto discurso contínuo dos vencedores, entretanto, reafirmaria a subalternização, negligenciando os ‘vencidos’ do mundo, os grupos e sujeitos ordinários (Gonçalves, 2011; Ricon, 2020).

Essa historiografia que buscou consolidar o caminho do progresso técnico e da coesão social e estabilidade política dos Estados-nacionais afastando os riscos revolucionários, encontrou pouca crítica até meados da década de 1930. Uma dessas

críticas é a apontada por Walter Benjamin e que tem na obra [*Teses*] *Sobre o conceito de história*¹ sua mais significativa teorização até então. Em Benjamin a crítica acontece em dois caminhos: a crítica à historiografia positivista do progresso apoiada na linearidade de um tempo cronológico que inventa uma causalidade responsável por manter e aprofundar as subalternizações; e a crítica à historiografia historicista alemã, que, baseada no nacionalismo e na identificação afetiva de grandes personagens, se apoiou em um tempo vazio e homogêneo (Gagnebin, 1994; Gagnebin, 1982)². Ambas muito comuns nas propostas teóricas da social-democracia alemã do período.

Como crítica às historiografias científicas sistematizadas pouco antes de seu nascimento, Benjamin propõe uma nova possibilidade de percepção do tempo. Isto é, ao tempo linear e cronológico, vazio e homogêneo, Benjamin contrasta o *Jetztzeit*, o tempo-de-agora. Jeanne Marie Gagnebin apresenta o tempo de agora como o *Ursprung* (surgimento) do passado no presente (Gagnebin, 1994). Significativa mudança, afinal de contas, o autor “articula uma história que ao lembrar do passado também é escrita no presente e para o presente” (Gonçalves, 2011, p.320). Benjamin, com isso, refere-se ao passado ao buscar nele sua atualidade e não sua historicidade sem, no entanto, desprezá-la.

Nas sociedades ocidentais da modernidade, erigidas a partir do capitalismo e da ideologia do progresso, a história justifica os sofrimentos do presente com vistas à melhoria do futuro. Benjamin questiona essa concepção em suas teses, procurando a suspensão dos nexos causais entre temporalidades hegemônicas (passado-presente-futuro). Ou seja, procura uma nova possibilidade historiográfica na qual os apelos dos vencidos de ontem possibilitem a suspensão do tempo do progresso. No final das contas, é a defesa de uma história dos vencidos, que passam a ter o direito sobre o próprio tempo. Nota-se, assim, uma problematização teórica e ética dos modos de narratividade (Ferreira, 2011).

¹ Para todas as citações das Teses sobre o conceito de história de Walter Benjamin, utilizamos a tradução de Michel Löwy (**Walter Benjamin: aviso de incêndio - Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005). Para outras duas significativas obras que debatem este último texto de Walter Benjamin, conferir: MÜLLER, Adalberto; SELIGMANN-SILVA, Márcio (organização e tradução). **Sobre o conceito de História: Walter Benjamin: Edição crítica**. São Paulo: Alameda, 2020. MATE. Reyes. **Meia-noite na História: Comentários às teses de Walter Benjamin Sobre o conceito de história**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2011.

² Para o conceito de *historicismo* em Walter Benjamin, conferir: BENTIVOGLIO, Julio; CUNHA, Marcelo Durão Rodrigues da. Walter Benjamin, testemunha da crise do Historicismo alemão durante a República de Weimar. In: BENTIVOGLIO, Julio; LEITE, Augusto Bruno de Carvalho Dias (Orgs.). **Walter Benjamin: testemunho e melancolia**. Serra: Milfontes, 2019, p. 115–140.

É nestes termos que, na Tese VII de *Sobre o conceito de história*, Walter Benjamin apresenta a importância de uma narrativa à contrapelo (Ricon, 2021). Uma narrativa que, renunciando o elemento épico da história, conforme já havia apontado em *Eduard Fuchs, colecionador e historiador* (Benjamin, 2020c), se abra a uma série de possibilidades do passado, destruídas pela marcha dos vencedores de ontem - em uma série de jogos de subalternização - e de hoje - a partir de sua perpetuação na historiografia tradicional. Uma narrativa que se coloca contra modelos preestabelecidos e ideias prontas, responsáveis por anular uma profusão de possibilidades. Isto é, a Tese VII de *Sobre o conceito de história*, assim como *Eduard Fuchs, colecionador e historiador*, apresenta a prática historiográfica como documento de cultura e, portanto, de barbárie. Barbárie esta que encontra-se organizada no contínuo da história com seus nexos causais e procedimentos aditivos (Tese XVII) e que retira a possibilidade da classe subalternizada ser sujeito da história e de seu conhecimento (Tese XII). Neste sentido, a história é lida como uma maquinaria de exclusões (Gonçalves dos Reis Filho, 2011).

Para Walter Benjamin, o historiador seria, portanto, o responsável pela produção de rupturas e choques. Aquele que, por recordar os subalternizados da história, “está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso” (Tese VI) (Benjamin, 1985b, p.65). Conforme afirmou Max Alexandre de Paula Gonçalves, em consonância a Jeanne Marie Gagnebin:

Ele [o historiador] não precisa necessariamente expor um outro sistema explicativo para a história, quer dizer, construir uma história oposta à história oficial que é contada, mas sim produzir uma reflexão capaz de choque, que imobilize a linha contínua da história. A teoria benjaminiana sobre a história não é a do sujeito passivo, que sofre a decisão subjetiva que vem de fora, seja do historiador ou do crítico, a ruptura é uma opção de um movimento dentro da história. (Gonçalves, 2011, p.323)

Benjamin advoga, nesses termos, por uma história aberta, uma historiografia da experiência e não da informação (Santos, 2017). Nesta, segundo Iaci Santos, “o presente em que se escreve/inscreve a história imobilizaria o passado e, simultaneamente, o impregnaria, a partir do agora, de novos significados. A montagem, ideia central para Benjamin, seria uma operação que poderia ser sempre aperfeiçoada e se ligaria a esta

abertura” (Santos, 2017, p.18)³. Advoga, também, por um historiador-catador, diferente daquele historiador que trabalha apenas em seu gabinete ou se fecha em arquivos oficiais. Esse historiador-catador, agindo como um trapeiro, é aquele que salva os restos da história, interrompendo o curso da catástrofe do progresso (Seligmann-Silva, 2019).

As teses *Sobre o conceito de história* possuem uma série de indicações teóricas e filosóficas sobre a história enquanto tempo vivido e certamente também enquanto tempo narrado. Entretanto, poucos elementos metodológicos encontramos no texto. Neste sentido, acreditamos que a obra *Passagens*, prática historiográfica radicalmente experimental para a qual as teses foram pensadas como introdução, bem como alguns outros escritos benjaminianos, possam ser lidos como pensamento metodológico e prático desta história repensada, a que torna a catástrofe dos fragmentos como possibilidade de abertura para o tempo de agora.

Poetas, trapeiros e colecionadores no caminho da história

Colecionar é um fenômeno primevo do estudo:
o estudante coleciona saber
Benjamin, *Passagens*, H 4, 3

Responsável por textos que majoritariamente apenas são compreendidos em suas complementaridades dialógicas, Walter Benjamin é o autor de uma obra muitas vezes chamada de hermética. A escrita simbólica e o acionamento das imagens estabelecidos pelo autor são possivelmente alguns dos mais inovadores projetos da filosofia da primeira metade do século XX. A proposta não sistematizada presente em sua filosofia é, certamente também, um dos elementos mais complexos na compreensão de seu pensamento. Essa ausência de sistematização possibilita, entretanto, uma amplitude interpretativa poucas vezes localizada na filosofia produzida até então: a organização plural de um pensamento fragmentário apresentado como uma coleção.

³ Para um aprofundamento acerca do conceito de história no pensamento benjaminiano, conferir: BOLLE, Willi. Historia. In: OPITZ, Michael; WIZISLA, Erdmut (ed.). *Conceptos de Walter Benjamin*. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2014, pp. 527-553. Para uma discussão sobre o conceito de experiência, conferir: WEBER, Thomas. Experiência. In: OPITZ, Michael; WIZISLA, Erdmut (ed.). *Conceptos de Walter Benjamin*. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2014, pp.479-525.

Em Benjamin, o ato de colecionar vai além de ser mera questão da modernidade burguesa e urbana: é um ato de montagem narrativa. Um exercício de fazer ver. Nesse sentido, a própria existência do colecionador é “uma tensão dialética entre os pólos da ordem e da desordem” (Benjamin, 1987, p.228) e a coleção passa a ser vista, assim, como o rastro que tenta evitar o apagamento do anonimato. Resta, todavia, uma questão: em que medida o ato de colecionar se aproxima da prática historiográfica defendida por Benjamin? Acreditamos que, para responder essa questão, é necessário um exercício teórico de aproximação entre algumas das figuras acionadas por Benjamin, tais como o trapeiro e o poeta.

O trapeiro, “personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder” (Gagnebin, 2009), encontra, em Benjamin, aproximação com o poeta, aqueles que “encontram o lixo da sociedade nas ruas e no próprio lixo[,] o seu assunto heroico” (Benjamin, 1989, p.78). Benjamin afirmaria que “trapeiro ou poeta, a escória diz respeito a ambos; solitários, ambos realizam seu negócio nas horas em que os burgueses se entregam ao sono; o próprio gesto é o mesmo em ambos” (Benjamin, 1989, p.78).

Constance von Krüger elaborou uma proposição interessante que aproxima as figuras do trapeiro, do poeta e do colecionador:

Proponho, após a tentativa de compreender as hipóteses benjaminianas sobre o colecionar, um gesto que aproxima a figura do colecionador à do poeta. Benjamin, acerca de escritos baudelairianos (em especial ‘O vinho dos trapeiros’, ou ‘Le Vin des chiffonniers’), reflete sobre como o poeta, marginal e desenraizado, tem em si uma essência de trapeiro: aquele que recolhe os restos, o que é deixado para trás. Há uma pungente estética da ruína, do rastro, do que não é mais útil para a sociedade, e, portanto, é descartado, mas que retém em si muito do que essa mesma sociedade demonstra ser. O poeta, pelo olhar, recolhe imagens e lhes confere um valor distinto daquele trivial. (Krüger, 2014, p.76)

Catando imagens e recolhendo impressões e palavras, tal qual um trapeiro, o poeta, aos moldes baudelairianos pensado por Benjamin, inaugura um elenco de fragmentos, tal qual um colecionador. *Passagens*, obra emblemática de Benjamin, nestes termos, aproxima os trabalhos do poeta, do trapeiro e do colecionador à sua proposta historiográfica.

Organizada a partir de 1927, em *Passagens* (Benjamin, 2018), Benjamin procurou reunir mais de 4 mil fragmentos a partir de mais de 800 fontes⁴, “à maneira das 12 mil peças de metal da Torre Eiffel, a fim de oferecer um espetáculo grandioso da produtividade humana tal como aquele que se oferecia aos novos trabalhadores das construções de ferro” (Berdet, 2018, p.450). O autor afirmaria, acerca do trabalho do historiador enquanto construtor, em uma comparação à Torre Eiffel:

Assim também o historiador hoje tem que construir uma estrutura - filosófica - sutil, porém resistente, para capturar em sua rede os aspectos mais atuais do passado. No entanto, assim como as magníficas vistas das cidades oferecidas pelas novas construções de ferro [...] ficaram durante muito tempo reservadas exclusivamente aos operários e engenheiros, também o filósofo que deseja captar aqui suas primeiras visões deve ser um operário independente, livre de vertigens e, se necessário, solitário. (Benjamin, 2018, p.762 - N 1a, 1)

O volume de material coletado por Benjamin foi significativo, ao ponto de que o autor o organizou alfanumericamente, colocando, também, siglas de várias cores à margem dos fragmentos e de suas anotações. Willi Bolle defende, por isso mesmo, que a palavra ‘passagem’ escolhida pelo autor como título da coletânea teve a conotação daquilo que é transitório, mutável, modificável, reorganizável (Bolle, 2019; Bolle, 2014; Ó & Vallera, 2020).

Em *Passagens*, Benjamin (2018, p.764 - N 1a, 1) afirmou que nada tinha a dizer, apenas a mostrar⁵. Para isso, desenvolveu ao máximo a arte de citar sem usar aspas (Benjamin, 2018, p.761 - N 1, 10). Nesses termos, a forma que escolheu apresentar a obra não é a convencional a ser debatida por seus pares, mas sim um estudo com potência de verdade (Berdet, 2018). Nesse sentido, pensando *Passagens* como uma narrativa poética do histórico (Diniz, 2009), o autor coloca a possibilidade da criação de um novo paradigma a partir de novos sujeitos e objetos que obrigam a uma nova delimitação metodológica (Berdet, 2018). Nas palavras do autor,

⁴ Esse modelo de organização textual já havia sido utilizado pelo autor em *Origem do drama barroco alemão* [1928], para o qual reunira cerca de seiscentas citações (cf. BERDET, Marc. Como Walter Benjamin escrevia. *Novos Estudos - CEBRAP*, v. 37, n. 3, p. 445–455, 2018).

⁵ “Método deste trabalho: montagem literária. Não tenho a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os.”

Um método científico se distingue pelo fato de, ao encontrar novos objetos, desenvolver novos métodos - exatamente como a forma na arte que, ao conduzir a novos conteúdos, desenvolve novas formas. Apenas exteriormente uma obra de arte tem uma e *somente* uma forma, e um tratado científico tem um e *somente* um método. (Benjamin, 2018, p.783 - N 9, 2 - grifos no original)

A construção de *Passagens* evidencia, a partir disto também, uma oposição de Benjamin à interpretação cartesiana de método. Desde Descartes, método passou a definir a busca do conhecimento e a necessidade de clarificar a pesquisa. Entretanto, concomitantemente à lógica cartesiana, se difundiu, também, a ideia de que essa busca pelo conhecimento quase sempre é conduzida a um final previamente concebido - pelo menos na leitura feita e divulgada nos últimos séculos. Benjamin defendeu, a partir disto, a descontinuidade do método, afirmando, outrossim, a “estrutura descontínua do mundo das ideias” (Ó & Vallera, 2020, p.337). Daí mesmo a importância de *Passagens* como uma história da modernidade a partir dos fragmentos da catástrofe: nesta obra de montagem inesgotável, cada fragmento da realidade - em uma leitura benjaminiana de Leibniz - possui as contradições da própria realidade.

A partir da nova filosofia da história proposta por Walter Benjamin, que possibilita a narrativa dos subalternizados enquanto uma história aberta a outras possibilidades, e da proposta do colecionismo de fragmentos da catástrofe como método para a história da formação da modernidade, buscaremos, nesta última parte, problematizar como o colecionismo fragmentário e as novas práticas historiográficas dialogam a partir da percepção de que toda produção histórica é simultaneamente ética e política.

Fragmentos e montagens

A figura do flâneur, tal como descrita por Walter Benjamin em sua análise da poesia de Baudelaire, representa o observador urbano moderno, um investigador da cidade que revela a alienação provocada pelo capitalismo. No entanto, essa figura não é estática, e Benjamin argumenta que ela desaparece com o advento do capitalismo de consumo (Benjamin, 1989). O historiador benjaminiano, tal qual o flâneur, pode sentir-se em casa transitando entre os fragmentos das catástrofes, bem como suas

representações. Nesses termos, o historiador, ao vagar pelos escombros esquecidos do passado, torna-se um flâneur do tempo, um observador atento aos vestígios deixados pela marcha da história dos vencedores. Movendo-se entre os fragmentos, busca compreender as camadas de significado que se acumularam ao longo do tempo. E, tal qual o flâneur que percorre as ruas da cidade, o historiador percorre os caminhos do tempo, apontando as contradições e destruições do passado tantas vezes perpetuadas na narrativa historiográfica.

Essa imersão nos fragmentos não é apenas um exercício intelectual. Ela também é um ato ético-político, uma forma de resistência à narrativa do progresso. Ao resgatar os vestígios dos vencidos, o historiador, a partir da sua coleção de fragmentos da catástrofe, manifesta a voz daqueles que foram silenciados pela história oficial: iluminando os cantos obscuros do tempo, revela as injustiças e as opressões.

Cada fragmento colecionado aciona uma história estabelecida entre a ordem e a desordem. Nesses termos, o historiador carrega esse impulso de organizar um mundo temporal desorganizado, uma tarefa que jamais se completa, estando sempre aberta a novas interpretações. Daí a importância crucial de novas narrativas que desafiem as convenções e revelem camadas esquecidas da história. No entanto, é preciso estar atento ao perigo do colecionismo vazio, tão comum na burguesia moderna - tão criticada por Benjamin -, que transforma objetos em fetiches de poder e saber. (Benjamin, 1987)

Em um mundo atingido pela pobreza de experiências comunicáveis pela narrativa (Benjamin, 1985a, 2020b), a possibilidade de se narrar o resto da catástrofe, seu fragmento, se torna ainda mais relevante (Benjamin, 1985b). Afinal de contas, o progresso, como a história demonstrou, conduz à catástrofe, e a catástrofe deixa para trás os escombros, material bruto do historiador. São esses ecos do tempo, esses cacos e fragmentos, que importam para uma história que se queira nova, e não as ruas pelas quais o progresso caminhou na marcha dos vencedores. Essa história já foi contada, mas para construir um novo futuro, baseado no tempo-de-agora, é fundamental revirar os escombros, criando novos passados. Essa é a essência da historiografia da catástrofe, que busca resgatar o particular da “onipotência” do Todo, como diria Benjamin. Nesses termos, ao invés do princípio totalitário hegeliano ‘o todo é o real’, Benjamin tenta salvar o particular da ‘onipotência’ do Todo, o particular, os “trapos e lixos” da época,

que a historiografia tradicional negligencia (Seligmann-Silva, 1999). Nas palavras de Manuela Sampaio de Mattos,

Estes dejetos [...] – constituem fenômenos que deveriam ser organizados e utilizados em um quadro vivo, em uma montagem, pois expressam a história de forma mais intensa e complexa do que a historiografia, que tem o hábito de dominar e organizar harmoniosamente tudo aquilo que toca". É nesses fragmentos, nessas ruínas, que encontramos a verdadeira riqueza da história, a memória dos vencidos, a fagulha que pode iluminar um novo futuro. (Mattos, 2015)

Essa abordagem historiográfica, centrada na fragmentação e na montagem, exige reflexão epistemológica, fundamentação metodológica e empreendimentos experimentais. O projeto inacabado das Passagens, concebido como uma filosofia material da história do século XIX, com Paris como sua metrópole mítica, permanece um exemplo de ousadia intelectual e metodológica para nosso mundo (Ó & Vallera, 2020). Passagens visava ser um “reservatório temático” da memória coletiva parisiense do século XIX, um verdadeiro arquivo. Benjamin buscou, com isso, possibilitar uma nova escrita da história, um estilo ensaístico que dialogasse com as modernas “cidades-redes” e seus habitantes - tantas vezes relegados. Assim, textos e imagens se montariam, criando uma escrita “reticular”, “espacial”, “cartográfica” e “constelacional”, aproximando o passado do presente. (Ó & Vallera, 2020; Bolle, 2008, 2015, 2018)

Considerações finais

A experiência humana no tempo, para Walter Benjamin, é um elemento fundamental na construção da história. Ao contrário da historiografia tradicional, que busca uma narrativa objetiva e linear dos fatos, Benjamin valoriza as experiências humanas, reconhecendo que cada pessoa vivencia o tempo de forma única e singular. Essa perspectiva benjaminiana se distancia da historiografia tradicional ao colocar o humano no centro da análise histórica, reconhecendo a importância de suas memórias, emoções e percepções na construção do conhecimento sobre o passado (Ó & Vallera, 2020). A historiografia tradicional, ao longo de sua trajetória, tendeu a negligenciar os vestígios e as histórias dos grupos subalternizados, concentrando-se principalmente nas

narrativas dos vencedores e das elites dominantes. Essa abordagem excludente e parcial da história contribuiu para a perpetuação de desigualdades e injustiças sociais, uma vez que colaborou com o silenciamento das vozes daqueles que foram marginalizados e oprimidos. Nesse contexto, a proposta de Walter Benjamin de uma história preocupada com os restos e fragmentos da catástrofe da experiência humana assume uma dimensão ético-política fundamental. Ao resgatar os vestígios dos subalternizados, a história benjaminiana procura mostrar aqueles que foram silenciados, reconhecendo suas experiências e lutas como parte integrante da história da humanidade (Benjamin, 2018, p.764 - N 1a, 1).

Em nossa leitura, Benjamin, em sua busca por uma nova forma de compreender a história, coloca em diálogo o historiador com algumas personagens da modernidade, como o trapeiro, o colecionador e o poeta. O autor propõe que o historiador adote uma postura semelhante à de um trapeiro, um catador que vagueia pela cidade em busca de objetos descartados. Essa figura, que recolhe os restos e fragmentos da vida urbana, é uma metáfora para o historiador que se aventura pelos escombros da história, resgatando os vestígios e as histórias daqueles que foram marginalizados e esquecidos pela narrativa historiográfica. Ao coletar esses fragmentos o historiador se torna um colecionador de narrativas que foram silenciadas pela história-ciência. Assim, essa coleção de fragmentos permite ao historiador construir novas narrativas, ressignificando o passado e abrindo caminho para a construção de futuros alternativos. Nesse sentido, o historiador se torna um poeta, um criador de possibilidades, que desafia a linearidade do tempo e a hegemonia da narrativa conservadora.

Em sua crítica à historiografia tradicional, Benjamin propõe uma ruptura com a concepção linear e progressiva do tempo, argumentando que a cronologia histórica é melhor apreendida através do movimento do espaço. Por isso, ao invés de buscar uma narrativa histórica linear e contínua, Benjamin propõe uma abordagem fragmentada e espacial, na qual os vestígios do passado são encontrados e interpretados em sua relação com o espaço presente. Essa perspectiva permite uma compreensão mais complexa da história, na qual o tempo e o espaço se fundem em uma experiência única e irrepetível. Nas palavras do autor, “o movimento cronológico é [melhor] captado e analisado numa imagem espacial” (Benjamin, 1984, p.115). Pensador da modernidade, em Walter Benjamin essa imagem do espaço enquanto tempo é fundamental. Afinal de contas, a

modernidade, com sua complexidade e multiplicidade de experiências, pode ser comparada a um labirinto, onde a aparente ordem esconde uma miríade de caminhos e possibilidades. Nesse contexto, os fragmentos da catástrofe, com sua natureza incompleta e enigmática, podem nos levar a uma jornada de descoberta e estranhamento, onde a perda da orientação se torna um passo fundamental para a compreensão. Essa experiência de se perder nos fragmentos, de se deixar levar pela desorientação, proporciona, portanto, uma visão profunda, revelando suas contradições e ambiguidades. A história, assim, cumpre seu papel messiânico (Bade & Ricon, 2022).

*

* *

Susan Sontag foi uma leitora de Walter Benjamin. Seu livro “Sob o signo de Saturno” possui um capítulo homônimo que se debruça sobre a obra do filósofo Walter Benjamin (Sontag, 1986). A escolha desse título, segundo a própria autora, tem sua origem em uma reflexão do próprio Benjamin, que se descreveu como alguém nascido sob o signo de Saturno, “o astro de revolução mais lenta, o planeta dos desvios e das dilatações...” (Benjamin, 1984). Essa frase de Benjamin aponta para a melancolia e introspecção do autor, características que Sontag explora em seu ensaio. Ao adotar o título “Sob o signo de Saturno”, tanto para o capítulo quanto para o livro, Sontag evoca a figura de Benjamin como um pensador atormentado, cuja obra é marcada por um senso de desilusão e uma busca incessante pela construção de significados. Em 1992, a autora publicaria o romance *O amante do vulcão* (Sontag, 1993), com o qual abrimos esse texto. O título do romance vem do interesse de Sir William Hamilton, personagem da obra, por vulcões. Hamilton também foi um colecionador - um dos mais notáveis do século XVIII. Em síntese, a aproximação nos parece nítida: a história, como o vulcão amado por Hamilton, apesar de seus períodos adormecidos, tem a potência da mudança.

REFERÊNCIAS

BADE, Luiz Henrique Bechtluft; RICON, Leandro Couto Carreira. O messianismo benjaminiano e sua relação com a educação em história. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**. v. 3, n. 3, p. e331221, 2022. DOI: 10.47820/recima21.v3i3.1221. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1221>. Acesso em: 6 mar. 2023.

BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política: Ensaaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985a, pp. 197-221.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política: Ensaaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985b, pp. 222-234.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: Um discurso sobre o colecionador. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 227-235.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2018. 3v.

BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin: o anjo da história**. Tradução e organização: João BARRENTO. 4ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin: o anjo da história**. Trad. João BARRENTO. 4ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b, pp. 83-90.

BENJAMIN, Walter. Eduard Fuchs, colecionador e historiador. In: BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin: o anjo da história**. Trad. João BARRENTO. 4ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020c, pp. 123-164.

BENTIVOGLIO, Julio; LOPES, Marcos Antônio. **A constituição da História como ciência: De Ranke a Braudel**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BENTIVOGLIO, Julio; CUNHA, Marcelo Durão Rodrigues da. Walter Benjamin, testemunha da crise do Historicismo alemão durante a República de Weimar. In: BENTIVOGLIO, Julio; LEITE, Augusto Bruno de Carvalho Dias (Orgs.). **Walter Benjamin: testemunho e melancolia**. Serra: Milfontes, 2019, pp. 115-140.

BERDET, Marc. Como Walter Benjamin escrevia. **Novos Estudos - CEBRAP**, v. 37, n. 3, 2018, pp. 445–455.

BOLLE, Willi. Forma de apresentação e método historiográfico nas Passagens de Walter Benjamin. In: COUTO Edvaldo Souza; DAMIÃO Carla Milani (Orgs.). **Walter Benjamin: Formas de percepção estética na modernidade**. Salvador: Quarteto Editora, 2008. pp. 35-62.

BOLLE, Willi. Historia. In: OPITZ, Michael; WIZISLA, Erdmut (ed.). **Conceptos de Walter Benjamin**. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2014, pp.527-553.

BOLLE, Willi. A metrópole como hipertexto: A ensaística constelacional no projeto das Passagens de Walter Benjamin. In: MACHADO, Carlos Eduardo Jordão; MACHADO Jr, Rubens; VEDDA, Miguel (Orgs.). **Walter Benjamin: Experiência histórica e imagens dialéticas**. São Paulo: Editora Unesp, 2015, pp. 85-97.

BOLLE, Willi. Nota introdutória. In: BENJAMIN, Walter. Passagens. BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2018. 3v., pp. 49-52.

BOLLE, Willi. As siglas em cores no Trabalho das passagens de Walter Benjamin. In: BENTIVOGLIO, Julio; LEITE, Augusto Bruno de Carvalho Dias (Orgs.). **Walter Benjamin: testemunho e melancolia**. Serra: Milfontes, 2019, pp. 49-92.

DINIZ, Davidson de Oliveira. Walter Benjamin e as Passagens: uma narrativa poética do histórico. **Cadernos Benjaminianos**, v. 1, 2009, pp.74-93.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso: ou progresso como ideologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FERREIRA, Marcelo Santana. Walter Benjamin e a questão das narratividades. **Mnemosine**, v. 7, n. 2, p. 121–133, 2011.

FONTANA, Josep. **A história dos homens**. Bauru: EDUSC, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin: Os cacos da História**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Walter Benjamin ou a história aberta”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas I, Walter Benjamin. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 7-19.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narrativa em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, testemunho. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie (Ed.). **Lembrar, escrever, esquecer**. 2ed. São Paulo: Editora 34, 2009, pp. 49–57.

GONÇALVES, Max Alexandre de Paula. Pergunte novamente aos cavalos: realmente foi preciso teologia para pensar o fim da história? In: GIANNATTASIO, Gabriel; IVANO, Rogério (Orgs.). **Epistemologias da história**: verdade, linguagem, realidade, interpretação e sentido na pós-modernidade. Londrina: EdUel, 2011, pp. 297–334.

GONÇALVES DOS REIS FILHO, Osmar. O discurso histórico como maquinaria de exclusão: um diálogo entre Benjamin e Foucault. **Cadernos Benjaminianos**, v. 3, 2011, pp. 98–104.

GUIBERNAU I BEDRUM, Montserrat. **Nacionalismo**: o Estado nacional e o nacionalismo no século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

HABERMAS, Jürgen. Crítica conscientizante ou salvadora – A atualidade de Walter Benjamin. In: FREITAG, Barbara; ROUANET, Sérgio Paulo (orgs). **Habermas**. São Paulo: Ática, 1980, pp.169-206.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. 4ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

KRÜGER, Constance von. A coleção - um gesto poético: uma leitura benjaminiana sobre o colecionismo. **Cadernos Benjaminianos**, v. 8, 2014.

LÖWY, Michel. **Walter Benjamin: aviso de incêndio** - Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATE. Reyes. **Meia-noite na História**: Comentários às teses de Walter Benjamin Sobre o conceito de história. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2011.

MATOS, Olgária. **O iluminismo visionário**: Benjamin, leitor de Descartes e Kant. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MATTOS, Manuela Sampaio de. **Ética da memória: Imagens de Walter Benjamin**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MÜLLER, Adalberto; SELIGMANN-SILVA, Márcio (organização e tradução). **Sobre o conceito de História**: Walter Benjamin: Edição crítica. São Paulo: Alameda, 2020.

Ó, Jorge Ramon do; VALLERA, Tomás. A oficina do fragmento: Método e processo historiográfico em Walter Benjamin. **História da historiografia**, v. 13, n. 32, 2020, pp. 331–366.

REBUÁ, Eduardo. **Insólito Benjamin**. Rio de Janeiro: Neu Editora, 2019.

RICON, Leandro Couto Carreira. Das filosofias positivistas da história à educação histórica conservadora: Comte, Buckle e Durkheim. **Revista En_Fil**, v. 8, n. 11, 2020, pp. 79–92.

RICON, Leandro Couto Carreira Ricon. História e Ensino: um ensaio a contrapelo. **Boletim do Tempo Presente**, 10(02), 2021, p. 01–09.

SANTOS, Iaci D'assunção. Entre restos e rastros: a história aberta e seus recomeços. Notas a partir de Benjamin e Didi-Huberman. **ARA**, v. 2, 2017, pp. 17-36.

SELIGMANN-SILVA, M. **Ler o livro do mundo**. Walter Benjamin: romantismo e crítica literária. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno**. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Walter Benjamin: para uma nova ética da memória. In: BENTIVOGLIO, Julio; LEITE, Augusto Bruno de Carvalho Dias (Orgs.). **Walter Benjamin: testemunho e melancolia**. Serra: Milfontes, 2019.

SONTAG, Susan. Sob o signo de Saturno. In: SONTAG, Susan. **Sob o signo de Saturno**. São Paulo: L&PM, 1986, p. 85-104.

SONTAG, Susan. **O amante do vulcão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WEBER, Thomas. Experiência. In: OPITZ, Michael; WIZISLA, Erdmut. **Conceptos de Walter Benjamin**. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2014, pp. 479-525.

BIOGRAFIA PROFISSIONAL

Leandro Couto Carreira Ricon

Doutor e mestre em História Comparada pelo Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-IH-UFRJ). Professor da Universidade Católica de Petrópolis (UCP) nos cursos de Licenciatura em História e Música. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UCP). Coordenador de pesquisa da Faculdade Ensin-E. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Teoria da História e Educação (GEPETHE). Atualmente pesquisa os múltiplos diálogos entre as teorias e filosofias da história e os demais conhecimentos das humanidades, notadamente a educação.

Tallita Stumpp

Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis. Graduada em Licenciatura em Letras. Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Teoria da História e Educação (GEPETHE), da Universidade Católica de Petrópolis.

FINANCIAMENTO

Este trabalho contou com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBIC-CNPq).

CONFLITO DE INTERESSE

Nenhum conflito de interesse foi declarado.

APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA

Não se aplica.

CONTEXTO DE PESQUISA

Este artigo é resultado da pesquisa *Conceitos benjaminianos: da reflexão teórica à prática de pesquisa* realizada entre agosto de 2017 e dezembro de 2021 junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Teoria da História e Educação (GEPETHE) da Universidade Católica de Petrópolis (UCP).

MODALIDADE DE AVALIAÇÃO

Duplo-cega por pares.

HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO

Data de submissão: 11 de março de 2022.

Data da primeira alteração: 28 de julho de 2022.

Data da segunda alteração: 17 de novembro de 2022.

Data de aprovação: 1º de março de 2023.

Data da publicação: 31 de julho de 2023.